



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 19, N° 1 (2025)

ISSN 1688-6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

*Possibilidades em Pesquisa Gordas: Estratégias de(Re)existências na Produção de Saberes Fora do Eixo*

*Posibilidades en Investigación Gordas: Estrategias de(Re)existencias en la Producción de Saberes fuera del eje*

*Possibilities in Fat Research: Strategies of (Re)existences in the Production of Off-axis Knowledge*

Maria Luisa Jimenez Jimenez (<https://orcid.org/0000-0003-3234-867X>)

Felipe Luis Fachim (<https://orcid.org/0000-0002-9658-3516>)

Rosane da Silva Gomes (<https://orcid.org/0000-0001-9680-5193>)

Maria Thereza Chehab de Carvalho Melo (<https://orcid.org/0000-0003-4927-4259>) Judson Bezerra de Andrade (<https://orcid.org/0000-0003-0723-5390>)

Renata Ragazzo Carpanetti (<https://orcid.org/0000-0003-2240-0825>)

Caroline Roveda Pilger (<https://orcid.org/0000-0003-1604-6452>)

DOI: <https://doi.org/10.47965/fermen.19.1.8>

## Resumo

A gordofobia é um preconceito de base estrutural. No universo científico brasileiro, nossas pesquisas são por muitas vezes desvalorizadas nos programas de pós-graduação, nas revistas científicas ou nos grupos de pesquisa. «Pesquisa gordas» é um grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil, com finalidade de construir saberes sobre corpos gordas, se distanciando e até

revisando saberes biomédicos que patologizam e estigmatizam essas corpos. Com estratégia de inserir esse debate no universo acadêmico, dentro de uma perspectiva ativista, propomos saberes localizados, feministas e de transformação social. São pesquisas dissidentes realizadas por corpos divergentes, que fazem pesquisas decoloniais em que o afeto, emoções e desterritorialização das corpos acontecem. Além de uma análise crítica bibliográfica sobre saberes decoloniais, epistemologias subalternas e estudos do corpo gordo, apresentamos nesse artigo como esse grupo de pessoas gordas vem se organizando desde 2017, as áreas interdisciplinares de pesquisa, suas ações e construções de novos saberes que militam pela não violência às corporeidades gordas.

*Palavras-chave:* corporalidades gordas, dissidência, epistemologias subalternas, estudos do corpo gordo, gordofobia, pesquisa gorda, saberes localizados.

## **Resumen**

La gordofobia es un prejuicio de base estructural. En el universo científico brasileño, nuestra investigación es a menudo subvalorada en programas de posgrado, revistas científicas o grupos de investigación. «Pesquisa gorda» es un grupo de estudios transdisciplinarios de corporalidades gordas en Brasil, con el objetivo de construir conocimiento sobre los cuerpos gordos, distanciarse e incluso revisar conocimientos biomédicos que patologizan y estigmatizan estos cuerpos. Con una estrategia de insertar este debate en el universo académico, desde una perspectiva activista, proponemos saberes localizados, feministas y de transformación social. Son investigaciones disidentes realizadas por cuerpos divergentes, que realizan investigaciones decoloniales en las que se producen afectos, emociones y desterritorialización de los cuerpos. Además de un análisis bibliográfico crítico sobre saberes decoloniales, epistemologías subalternas y estudios sobre el cuerpo gordo, presentamos en este artículo cómo este grupo de gordos viene organizando desde 2017, las áreas interdisciplinarias de investigación, su accionar y la construcción de nuevos saberes que militan por la violencia a las corporeidades gordas.

*Palabras clave:* corporeidad gorda, disidencia, epistemologías subalternas, estudios del cuerpo gordo, gordofobia, investigación gorda, conocimiento localizado.

## **Abstract**

Fatphobia is a structurally based prejudice. In the Brazilian scientific universe, our research is often undervalued in graduate programs, scientific journals or research groups. «Pesquisa gorda» is a group of transdisciplinary studies of fat corporalities in Brazil, with the purpose of building knowledge about fat bodies, distancing itself and even revising biomedical knowledge that pathologizes and stigmatizes these bodies. With a strategy of inserting this debate in the academic universe, within an activist perspective, we propose localized, feminist and social transformation knowledge. They are dissident research carried out by divergent bodies, which carry out decolonial research in which affection, emotions and deterritorialization of bodies take place. In addition to a critical bibliographic analysis on decolonial knowledge, subaltern epistemologies and studies of the fat body, we present in this article

how this group of fat people has been organizing since 2017, the interdisciplinary areas of research, their actions and the construction of new knowledge that militate for the violence to fat corporeities.

**Keywords:** fat corporeality, dissidence, subaltern epistemologies, studies of the fat body, fatphobia, fat research, localized knowledge.

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo apresentar, na medida em que legítima, um novo modo de se fazer pesquisa. Nesta apresentação, elencamos como exemplo desta prática a «Pesquisa gorda», que é um grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil que tem a finalidade de construir saberes sobre corpos<sup>1</sup> gordas distanciado do saber patologizante e estigmatizante. De dois anos para cá, a «Pesquisa gorda» tem como uma das estratégias principais inserir esse debate no universo acadêmico, numa perspectiva ativista de pesquisa.

Dessa maneira, entendemos que nossos estudos são pesquisas dissidentes realizadas por corpos gordas divergentes, que fazem pesquisas decoloniais em que o afeto, emoções e desterritorialização das das corpos acontecem. Somos corpos gordas que pesquisam corporeidades gordas, que se afectam e deixam afectar<sup>2</sup> na pesquisa, nos estudos, no grupo, no mundo e pelo mundo que transpassa um corpo que carrega marcas, dores, traumas, mas também (re)existências.

Sabemos que desde a década de 1960, mulheres gordas se encontram para compreender as práticas de ódio, descaso e violência contra suas corporeidades. O Ativismo Gordo, que surgiu nos USA nessa época, começa com a ideia de denunciar e entender por que uma mulher gorda, *Cass Elliot*, faleceu de gordofobia, apesar de em seu laudo aparecer que havia sido por «obesidade». Desde então, pessoas gordas do mundo inteiro buscam pesquisar, denunciar e militar contra esse estigma que nos tem excluído, violentado e invisibilizado.

No Brasil, a partir de 2017, algumas pesquisadoras viram a necessidade de conhecer outros pesquisadores das corporalidades gordas para troca de informações e apoio sobre a temática, abrindo um grupo no facebook com três ou quatro pessoas que participaram de uma mesa na feira «Pop Plus»<sup>3</sup> para apresentarem suas pesquisas. Desde tal encontro, essas pesquisadoras se juntaram em um grupo no WhatsApp, que originou o «Pesquisa gorda: Grupo de estudos transdisciplinares das corporalidades gordas no Brasil», o primeiro e único grupo de estudos, ativismos e intervenções no país.

Afirmamos que a gordofobia é um preconceito de base estrutural, porque identificamos, além de nossas vivências no mundo em exclusão, nossas trajetórias acadêmicas, como estudar as

---

1 Optamos por utilizar Corpos Gordas no feminino e gordes em linguagem neutra, porque utilizamos a lógica cuir como ressignificação política de seu significado original. Atentamos para o uso feminino ao nos referir aos corpos e ao termo gordes para as pessoas gordas. É o poder subversivo do termo, e de caráter feminista e de linguagem inclusiva, no rompimento do masculino ao nos referir às mulheres e pessoas não binárias. Sobre o assunto consultar Butler (2004) y Scott (1989).

2 Afectados, Afeção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes (Deleuze, 2002, p. 56).

3 Maior feira de moda plusize no mundo, acontece na Avenida Paulista em São Paulo, quatro vezes ao ano.

corporalidades gordas também é considerado um tema de relevância menor. No universo científico brasileiro, nossas pesquisas são pouco valorizadas nos programas de pós-graduação, nas revistas científicas ou nos grupos de pesquisa, pois há um consenso que estudar tal assunto não seria relevante. Consequentemente, nossas pesquisas encontram diversos entraves em seu desenvolvimento e por muitas vezes, são invisibilizadas, pouco valorizadas ou até mesmo inviabilizadas.

E, por ser estrutural e institucionalizada, a gordofobia ultrapassa as experiências pessoais e transbordam na construção do conhecimento, já que as epistemologias que existem sobre nossas corporeidades são patologizantes, medicalizadoras e preconceituosas. Propomos através de nossos estudos e vivências o rompimento de paradigmas<sup>4</sup> violentos com as pessoas gordas, na construção de novas epistemologias e saberes localizados que tragam a cena do debate, histórias, potências e resistências desse grupo de pessoas.

A partir dessas análises, denunciaremos o que pessoas gordas passam, desde suas infâncias à fase adulta, e propomos novos saberes, rompendo paradigmas, cartografando as bocas que (re)existem e que fazem de seus estudos uma militância que interpela outras possibilidades e alternativas utópicas de mundos inclusivos, em que todas as vidas sejam consideradas em suas singularidades e diferenças.

Intencionamos nessa análise, trazer a discussão da Pesquisa Gorda como estratégia de pesquisa dissidente localizada em que apresentamos como pessoas gordas têm se organizado, estudado e construído esse campo de conhecimento como estratégia de transformação social. Em seguida, propomos pensar a Pesquisa Gorda através da Arte e Educação como pilares na transformação e construção de saberes localizados não gordofóbicos, para então apresentarmos o grupo de pesquisadores «Gordes em Corpos Ex-tranhes Invisíveis: outros campos de pesquisas localizadas, como nos organizamos, o que estamos construindo, nossas dificuldades e conquistas». Propondo provocações nessa reflexão, apresentamos algumas considerações finais, de como estamos fazendo a Pesquisa Gorda como Estratégia de (Re)existência, Construção de Epistemologias Subalternas/Localizadas.

### **Pesquisa Gorda como Estratégia de Pesquisa Dissidente Localizada**

Pesquisar as corporeidades gordas é lidar, escutar e sentir a dor que as pessoas gordas sofrem por causa de violências por toda sua vida e, por ser um estigma de difícil reconhecimento na sociedade (porque quase sempre está disfarçado de cuidado, amor e saúde com os corpos gordos), acaba por não ser entendido ou detectado por pessoas que não se identificam com essa realidade.

Pesquisadores da temática gorda, em sua maioria, são pessoas gordas que buscam entender, mas também ressignificar, essas dores que transpassam seus corpos em pesquisa. Por isso se faz necessário

---

<sup>4</sup> Entendemos rompimento de paradigmas nesse trabalho como uma crise científica, ou representativa que ocorre a partir da existência de um conjunto de problemas e questionamentos, cujas soluções já não se encontram no horizonte de determinado campo teórico, dando origem a anomalias ameaçadoras da construção científica. Sendo assim, gera um descontentamento quanto às concepções e aos métodos existentes de observar o mundo e de fazer sentido nele, processo que dá origem a outras ideias e perspectivas.

e urgente a discussão do tema, já que a população gorda<sup>5</sup> precisa ser ouvida. Como consequência direta dessa escuta, é importante que haja uma revisão dos estudos há muito considerados consenso sobre as pessoas gordas, pois estes não se preocupam com as dificuldades e os sofrimentos pelos quais passam essa parte da população. A «Pesquisa gorda» tem como estratégia inserir o debate sobre a gordofobia dentro do universo acadêmico, nas salas de aulas, nas disciplinas, nos Programas de Pós-graduação, nas aulas abertas, mas também se compromete a uma transformação social fora dos muros da academia, em rodas de conversas, presídios, bares etc.

Nossa proposta epistemológica perpassa pelo que Haraway (1995) define como saber localizado, situado e corporificado a partir do que es proponentes: pessoas gordas, pesquisadores dissidentes, feministas, ativistas entendem, experienciam e trocam com outres gordes em outras localizações e subjetividades, «(...) pontos de vista que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometem alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação» (Haraway, 1995, p. 24).

Buscamos, ao fazer pesquisa, elaborar conhecimentos não alinhados aos mecanismos de poder, tentando formular ideias que se aproximem das experiências cotidianas das corpos gordas, sem perder a perspectiva de aproximar nossas questões à verdade. Neste intento, Haraway aponta que «política e a ética são a base das lutas a respeito de projetos de conhecimento nas ciências exatas, naturais, sociais e humanas» (2009, p. 28).

O conhecimento do ponto de vista do não marcado é realmente fantástico, distorcido e, portanto, irracional. A única posição a partir da qual a objetividade não tem a possibilidade de ser posta em prática e honrada é a do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença. Ninguém jamais acusou o deus do monoteísmo de objetividade, apenas de indiferença. O truque de deus é auto idêntico e nos enganamos ao tomá-lo por criatividade e conhecimento, até por onisciência. (Haraway, 2009, p. 27).

Pesquisar corpos gordas caminha junto ao rompimento de conhecimento universal e metodologias estáticas colonializadas. A «Pesquisa gorda» é uma proposta de rompimento com o saber eurocêntrico na construção da ideia de binaridade de corpos, raças e gêneros. A ideia de conhecimento universal:

(...) legitima o pensamento eurocêntrico como único, da mesma forma que se deriva dele. O estabelecimento dessa proposição opera de forma silenciosa a calar formas de pensar à margem do padrão. Esta forma de genocídio intelectual pode ser considerada uma violência epistêmica. Esta atinge a episteme de um indivíduo/povo e está principalmente ligada ao contexto histórico da modernidade e do colonialismo. Se apresenta como a violência relacionada a determinado conhecimento, podendo ser entendida como uma forma de exercício de poder simbólico de um indivíduo, grupo ou nação sobre um outro através do conhecimento científico, como forma de invisibilizar este outro (Siva, Baltar & Lourenço, 2018, p. 71).

---

<sup>5</sup> A Associação Brasileira de Estudos da Obesidade (ABESO) faz menção a dados da Organização Mundial da Saúde (OMS): há uma estimativa de que, até 2025, 2,3 bilhões de pessoas da população mundial serão gordas (acima do peso). Se considerarmos a estimativa da própria OMS de população absoluta em 2025 (8,2 bilhões), o número de pessoas gordas no mundo representará 28% da população absoluta.

E ainda, importante entender nessa discussão que:

A violência epistêmica se apresenta como uma relação de poder e dominação perpetrada no campo do conhecimento, permitindo que determinada visão de mundo se imponha sobre outras, impossibilitando sistemas de conhecimento e produção de saberes alternativos e alterando as visões dos povos colonizados (Gnecco, 2009). (Silva, Baltar & Lourenço, 2018, p.71).

Como vemos, são estudos que estão dentro de uma proposta de colocar em xeque os estudos da «obesidade» que seguem uma ideia dualista de normatividade, pois propõem que através de um cálculo matemático (IMC) se pode inferir se um corpo é doente ou não. Existe uma lacuna, já que

(...) nos estudos da «obesidade», da gordura, em levantar questionamentos sobre qual caminho estamos seguindo nessa questão de transformar todo corpo gordo em doente, anormal e patológico. Essa obsessão na busca pelo corpo magro leva a um preconceito que mata mais que a própria “obesidade” anunciada por eles. É urgente o desenvolvimento de pesquisas sobre o corpo gordo brasileiro na comunidade acadêmica, como já existem em outros países (os fat studies, por exemplo), para um entendimento epistemológico da construção de discursos de saúde, fundamentados em bem-estar e vida saudável, mas que, verdadeiramente, em nosso mundo capitalista, os interesses sempre são de impérios empresariais que manipulam nossas investigações científicas. Estamos colapsando ao apoiar a ideia construída pelo discurso biomédico. Aliás, a medicina não tem conseguido diminuir ou melhorar os índices de pessoas gordas no mundo, muito pelo contrário. (Jimenez-Jimenez, 2021, p. 157).

Assim, apesar de firmar presença em caráter coletivo, porém, de formas distintas, o peso/tamanho não pode ser considerado o único marcador, e isso implica ter a consciência de que esse pensamento deve ser atravessado por outras instâncias e é justamente nesta problematização que se insere a teoria e prática interseccional. Raça, classe, sexualidade, gênero, faixa etária, deficiência, geolocalização, escolaridade e profissão se unem ao peso/tamanho, pensado pelo eixo da gordofobia como forma de opressão estrutural, e o interseccionam na reflexão e complexificação sobre as demais opressões sofridas. Não é uma tarefa simples, de atravessar as avenidas identitárias que se cruzam e entrecruzam (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2019) e perceber quais interseccionalidades de opressão se chocam e se entrelaçam (Collins, 2019), gerando as violências sofridas pelas pessoas gordas, também em suas particularidades e complexidades.

Dessa forma, o entendimento da interseccionalidade nos dá ferramentas necessárias para complexificar as vivências das pessoas gordas. Refletir sobre as combinações de opressões que cada uma sofre, nos proporciona evidenciar como se organiza a hierarquia do espaço social e sobre privilégios e opressões que ocorrem mesmo dentro de um grupo marginalizado como o das pessoas gordas. Portanto, é importante perceber que tipo de corpa gorda é privilegiada socialmente e culturalmente e quais corpas gordas são destinadas (ainda mais) à «clandestinidade» e à invisibilidade.

O pensamento interseccional surge justamente para combater o que Kimberlé Crenshaw (2002) ressaltava como «superinclusão» de apenas uma das estruturas na análise das sistemáticas das opressões, sem investigar outras estruturas. Isso pode ocorrer quando focamos nas pessoas gordas e

superincluímos a estrutura de peso/tamanho pelo eixo estrutural da gordofobia como causa da opressão sem investigar outras estruturas interseccionais como o racismo, o classismo ou o heterossexismo.

A interseccionalidade proporciona um olhar menos redutor das situações. No nosso caso, sem o olhar interseccional, as análises recairiam no grupo de pessoas gordas pensando a gordofobia como algo que atinge a todas elas, da mesma forma. Porém, quando complexificamos, percebemos que os atravessamentos estéticos, referente aos tamanhos e formatos dos corpos, de raça e de idade, por exemplo, irão gerar experiências de opressão distintas neste grupo que poderia parecer «homogêneo».

Por exemplo, em se tratando das mulheres gordas negras, a interseccionalidade nos evidencia onde, como e quando essas mulheres são discriminadas, violentadas e que elas estão, naturalmente, mais vezes posicionadas nas «avenidas identitárias» de opressão —neste caso, gênero, raça e peso, essencialmente— e mais vulneráveis às colisões das estruturas e fluxos da modernidade (Akotirene, 2019) do que as mulheres gordas brancas. Esta seria o que Akotirene (2019) chama de «discriminação interseccional», (p. 64).

A análise interseccional permite, portanto, discutir gordofobia interseccionalizada por outros eixos. Assim, compreendemos que o modo de vivenciar o corpo gorde é múltiplo, não se trata de comparar, hierarquizar (Lorde, 2019), mas de perceber que diferenças são relacionais e as matrizes de opressões também.

Ressaltamos também, partindo dos pressupostos de uma pesquisa relacional, que a Pesquisa Gorda é um grupo que compreende que o caráter interdisciplinar é fundamental para poder mais profundamente estudar as questões relacionadas à gordofobia e o combate ao preconceito contra as pessoas gordas. Por esta razão, reunimos pesquisadores de vários campos do conhecimento, além de entender que a importância das «multiplicidades heterogêneas, simultaneamente necessárias e não passíveis de serem espremidas em fendas isomórficas ou listas cumulativas. Esta geometria é pertinente no interior dos sujeitos e entre eles» (Haraway, 2009, p. 20). Aqui não entendemos que um saber é superior a outro, quando abordamos as corporalidades gordas, mas que cada contribuição colabora para uma visão mais condizente com o cotidiano oprimido dos gordes na sociedade. Além de localizar o conhecimento e a construção dele nas pessoas que vivenciam a gordofobia, que estudam, mas que conhecem em primeira pessoa o que significa ser uma pessoa gorda no mundo. Propõe-se aqui a substituição de um fazer científico fechado, unilateral e soberbo, que busca a universalização das corporeidades gordas como doentes, pela busca mais humana em considerar as diversas realidades. Compreender que as epistemologias gordas são saberes localizados rompe com o modelo imposto de ciência estática, colonizadora e universal. A Pesquisa Gorda propõe construir novos saberes sobre as corporeidades gordas, para fazer ciência atendendo às necessidades desse grupo subalterno, excluído e estigmatizado socialmente.

**Pesquisa Gorda: Arte e Educação, pilares da transformação**

Propomos nesse momento dois pilares<sup>6</sup> na construção dessa pesquisa comprometida com o ativismo na despatologização e acessibilidade ao tratamento com respeito e dignidade dessas pessoas pela Arte como produção de conhecimento e por uma educação transgressora, no que se propõe a uma educação antigordofobia, que repense a dissidência

(...) na qual entenda que a parte cognitiva na formação dos indivíduos está intrinsecamente, necessariamente conectada ao entendimento e valorização da diversidade. Já que a visão crítica sobre as ferramentas cisheteronormativa coloniais que nos amarram a saberes e modos de ser, e fazer, são violentos e excludentes. (Jimenez-Jimenez; Dos Santos, 2021, p. 202)

Propomos neste texto citar dois pilares presentes em nossas pesquisas, a arte educação. Isso não significa que nossa proposta se encaixa em uma dualidade fechada, ou que apenas essas duas áreas compõem essa construção de novas epistemologias e rompimento de paradigmas, muito pelo contrário. Aqui entendemos o conhecimento como valorização do sensível, da experiência daquilo que é vivido, do acontecimento e não de uma essência. (Deleuze & Guattari, 1995).

Entender a arte e educação como forma rizomática no construir conhecimento localizado, é estarmos abertos as múltiplas maneiras e possibilidades de perceber as vivências, que não existe apenas uma maneira de compreender e explicar as coisas, é entender que não temos a apropriação do conhecimento verdadeiro e único, mas que podemos propor a construção de formações sociais mais tolerantes, respeitando as diferenças e escutando os menos favorecidos. Vejamos como construir narrativas de existências gordas através da arte e a construção da Pesquisa Gorda como Suporte para uma Educação Transgressora de transformação social.

### **Arte como conhecimento na Construção de Narrativas de Existências**

Entendemos a arte como conhecimento que traduz ou não pensamentos, como subversão da regra ou continuidade dela. A arte vem junto com nossa análise e construção epistemológica., no que cabe a ressignificação de saberes estético-corpóreos na edificação de novos conhecimentos, rompendo paradigmas eurocêtricos que assumem a construção política e social no agenciamento de novas sujeitas e histórias. Algumas corpos não tem poderes sobre as narrativas criadas sobre si, principalmente se não for branco, cis, hétero e magro. A universalização desse padrão sobrecarrega corpos gordos de vários estigmas negativos engendrados por este senso que os definiu como doentes e incapazes. É importante lembrar que «as falsas generalizações sobre membros de grupos minoritários permitem que a marginalização deles seja mantida, uma vez que são vistos como pessoas que não possuem características necessárias para atuarem na esfera pública de forma competente» (Moreira, 2019, p. 59).

A construção dessas imagens deturpadas tem contribuição de vários lugares, aqui priorizamos falar sobre a arte e sua colaboração para isso. As estátuas clássicas gregas que foram esculpidas em

---

<sup>6</sup> Optamos pelo destaque aos campos da Arte e da Educação, em detrimento de outros campos de conhecimento em que atuamos, pois compreendemos que na, dentro da proposta de transdisciplinaridade dos Estudos do Corpo Gordo, a Arte e a Educação embasam nosso fazer pesquisa. Trata-se da nossa matéria prima para a (re)existência em outras áreas.

mármore retratam corpos magros e bem definidos que servem de padrão de corpo bonito e saudável, aceitável para a sociedade. Uma das imagens mais famosas da tv aberta brasileira é Dona Redonda, personagem de apetite insaciável que literalmente explodiu em praça pública de tanto comer na novela Saramandaia, exibida na década de 1970. Estes casos têm em comum a arte como veículo criador de narrativas de existência de como um corpo gordo é definido socialmente. O teatro, novelas e as obras de arte são ferramentas de imaginários que são absorvidos pelas pessoas e tomados como verdade, estigmatizando corpos dissidentes do padrão e é importante lembrar que por meio da produção artística pode-se recriar narrativas de existência para além de corpos que só existem porque são considerados como bonitos e saudáveis, proporcionando a possibilidade de reescrita de subjetividades. «Não sou objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político» (Kilomba, 2019, p. 27). Para a produção de arte, é necessária uma pesquisa que não necessariamente é vinculada a academia, vai além dos muros de uma universidade e permitindo que a prática seja pesquisa também. Para a execução dos processos, é indispensável que haja investigação da forma, da mensagem a ser representada e o lugar onde será compartilhada. A construção social do que é belo ainda define muito o que é arte e corpos gordas não são bem-vistos em ambientes que prezam pela estética clássica. A arte pode atuar como ciência e linguagem para construir estigmas, mas também deve ser usada como campo de pesquisa/prática a fim de refutar essa história única que recai sobre corpos dissidentes. Nesse momento, ela transcende a narrativa comum de morte e compulsão alimentar, ela cria novos conhecimentos e valida essas narrativas de existência gorda de forma positiva.

Construir um campo de produção de conhecimento que traga a arte como saber localizado, em que componha saberes gordes denunciando a construção de uma arte centralizada nos corpos hierarquizados, como únicos possíveis: heteros, magros, brancos, e ao mesmo tempo subverter essa lógica, para trazer para a cena corporeidades dissidentes gordas, não só fazendo/construindo arte, mas também como protagonistas, sendo obras de arte, pode construir novos entendimentos sobre o lugar social dessas pessoas.

### **Pesquisa Gorda como Suporte para uma Educação Transgressora**

A gordofobia sustenta uma estrutura que constrói a imagem de superioridade moral, emocional, social e relacional das corpos que se aproximam do espectro do padrão, chamado «corpo ideal». Corpo este gerenciado a partir de pressupostos padrões de beleza que determinarão as identificações e diferenciações sociais como requisitos de aceitação.

As discursividades que corroboram para o gerenciamento, colonização e controle das corpos gordas, se estruturam numa tripartite gordofóbica, constituída pelo discurso médico, pela estética e pela moral (Paim, 2019). Essas estruturas, discursos e normativas são apresentadas na infância e fazem parte de um processo de condicionamento dos corpos.

Entendendo que creches<sup>7</sup> e instituições escolares sejam espaços da reprodução social, e entendendo a creche como uma instituição também de cuidados, propomos na pedagogia uma análise entre as possíveis relações entre gordofobia e a crise de cuidados do capitalismo contemporâneo, e levamos em consideração que uma das facetas mais perversas do capital é a entrega dos assuntos humanos ao mercado (Fraser & Jarggi, 2020).

O sistema que coloca o corpo como uma mercadoria está propondo uma alteração da nossa relação com nós mesmos, permitindo ao mercado, através das instituições escolares dentre outras, que molde não só nossa visão de mundo, como nossas noções de cuidado do outro e do autocuidado. Procuramos, através da Pesquisa Gorda na educação, investigar como a gordofobia e a pressão estética são percebidas, vividas e tratadas nos espaços de cultura infantil por seus membros, observar os espaços e o material de apoio (livros infantis, a mídia, material de campanha de combate a obesidade e guia alimentar), levantar quais referências aparecem e quais os mecanismos de inserção e exclusão de corpos gordas infantis de espaços que lhe são próprios: creche, escola, parques etc. Além dos materiais de apoio, debruçamo-nos na análise e denúncia das práticas que levam a uma normatização do pensamento que considera a corpa gorda repugnante, a falta de acessibilidade e de políticas de adequação dos espaços e mobiliários às corpos grandes, sejam infantis ou adultos, que acabam por condicionar essas corpos à dor, desconforto e exclusão desde muito cedo, e educam à auto culpabilização pelo próprio tamanho. A Pesquisa Gorda, enquanto suporte para uma pedagogia transgressora, é aquela que se coloca numa postura disposta à decolonização do pensamento e que questiona o que há por trás da historicidade das corpos gordas.

A estigmatização e exclusão do corpo gordo na escola está presente desde cedo, porque a escola não tem cumprido o seu papel de transgressão do pensamento hegemônico, parece que esse papel fica na responsabilidade da educação superior, já que se “acredita” que pensamento crítico e discussão sobre respeito a diversidade, direitos humanos é coisa de “comunista” e de humanas. Não estamos preparados para uma educação inclusiva, mas não assumimos esse despreparo, se fala de uma escola inclusiva, mas não se inclui. Infelizmente, essa é a realidade brasileira, e quem sabe, mundial. (Jimenes-Jimenez & Dos Santos, 2021, p. 209).

A Pesquisa Gorda que colabora com uma educação transgressora é aquela que olha para as corpos diversas com um olhar crítico ao adultocentrismo colonizador (Abramowicz, 2011), e observa como as crianças, enquanto agentes sociais ativos e criativos (Corsaro, 2005), tratam e percebem as corpos gordas, o que imitam e o que expandem na criação de suas próprias culturas sobre o padrão do corpo ideal, em que referências se apoiam e criam entre si sobre o ser gorde na interação entre pares e nos contextos de vida em que estão inseridas. O que só é possível com uma atuação na educação que não seja simplesmente reprodutiva, mas uma prática para a liberdade crítica, decolonial e ecossocialista (Hooks, 2007; Freire, 2005).

Localizar a educação na transgressão para construção de conhecimentos antigordofóbico é construir uma sociedade que desde a infância aprende a ver as corporeidades gordas, não mais como

---

<sup>7</sup> Creche: Instituição pública ou privada de assistência infantil, apoio pedagógico e de produção de culturas infantis de crianças de 0 à 3 anos no Brasil.

fracassadas, preguiçosas e doentes, mas como corpos diversos que contam suas histórias e constroem saberes, saberes esses, que rompem com e a estigmatização que violenta esse grupo.

### **Pesquisadores Gordes em outros campos de pesquisas localizadas**

Não somos apenas pesquisadores de uma temática dissidente, mas também corpos dissidentes buscando romper conhecimentos que nos patologizam, invisibilizam, silenciam e violentam. Nosso grupo se caracteriza como pessoas gordas que sofreram em primeira pessoa aquilo que estudamos, a gordofobia, por isso existe uma premência na agilização das pesquisas e um sentimento irascível que nos acompanha na construção de saberes não gordofóbicos.

Por esses motivos, não apenas pesquisamos, fazemos pesquisa ativista com o compromisso pedagógico de levar esse debate para dentro dos espaços educacionais, dentro ou fora da universidade. Nossas pesquisas são desafios de pesquisadores militantes na descolonização das escrituras dialógicas e polifônicas e que nos surpreende no processo, em que o instrumento teórico nos permite enxergar as diferenças internas às intersubjetividades dentro do grupo. Além da exposição que fizemos sobre os estudos das corporalidades gordas nos âmbitos das artes e da educação como pilares da subversão e rompimento de paradigmas que patologizam nossas corpos, apresentaremos pesquisas de outras áreas do conhecimento, em estágios diversificados na formação educacional, desde a graduação ao pós doutorado, além dos pesquisadores autônomos que frequentam o grupo. Também iremos explicar um pouco da dinâmica de funcionamento do grupo e como as propostas de discussão e de estudo se realizam dentro de nossa perspectiva reflexiva e ativista.

O Grupo de Estudos transdisciplinares das corporalidades gordas —«Pesquisa gorda», conta com reuniões quinzenais: na primeira se organiza o que acontecerá na segunda reunião, selecionando leituras, promovendo palestras, bate papo, estudos, apresentações, debates etc. As reuniões são online e para sua participação o grupo fica disponível às pessoas através do preenchimento de um formulário.

O formato atual do grupo é coordenado por 7 participantes pesquisadores gordes de diversas regiões do país, ligados a instituições de ensino infantil, fundamental, médio e superior. O grupo tem atuação interdisciplinar e diversa. Tódes nós estamos ou estivemos inseridos em programas de pós-graduação, em todas as modalidades: mestrado, doutorado, pós-doutorado. Lecionamos, pesquisamos e orientamos trabalhos sobre o tema dentro da educação formal, como também, por meio de cursos livres, oficinas, palestras e intervenções artísticas. Tódes escrevem artigos, textos acadêmicos e militam nas redes sociais e em suas realidades, dentro e fora das universidades a questão antigordofobia. Somos tódes gordes e nossa existência, é de alguma maneira, ocupação e provocação do que significa ser gorde em nossa sociedade gordofóbica excludente.

Nesse ano de 2022, conseguimos organizar o I Congresso da Pesquisa Gorda no Brasil, com as temáticas: ativismo, estudo e arte, nos dias 08.09 e 10 de setembro via online, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. (Pesquisa Gorda, 2022). O I Congresso Pesquisa

Gorda: Ativismo, Estudo e Arte é um evento que buscou produzir conhecimento, sensibilização e mobilização acadêmica e social com relação à temática das Corporalidades Gordas.

O Congresso foi uma realização da «Pesquisa gorda: Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas no Brasil», coordenado por Malu Jimenez e formado por pesquisadoras e pesquisadores de várias regiões do país, de diferentes áreas do conhecimento, atuantes em várias universidades brasileiras, em diferentes estágios de formação e pesquisa – desde a graduação ao pós doutorado. Os Estudos das Corporalidades Gordas são um campo epistemológico que questiona o preconceito estrutural que alicerça os estudos calcados no paradigma da obesidade e se lançam na busca por construir e provocar outros modos de olhar para essas corporalidades e de produzir conhecimento sobre elas. A centralidade das pesquisas recai sobre os preconceitos estruturais; as lógicas de violência e de violações de direito geradas por tais preconceitos; a urgência de despatologizar e de assegurar o direito das pessoas gordas à acessibilidade e às variadas dimensões da cidadania; as existências insurgentes e as resistências construídas pelas pessoas gordas para afirmar o valor e a potência de suas vidas, questionando e enfrentando os preconceitos.

O Congresso foi uma ação do grupo «Pesquisa gorda» voltada à consolidação de uma rede nacional de pesquisa sobre o tema – sendo a pesquisa entendida como a junção das investigações acadêmicas e artísticas, de forma totalmente imbricada ao ativismo: ações que disseminem outros entendimentos sobre as corporalidades gordas, promovendo diálogos com a sociedade, buscando mitigar a gordofobia, intensamente naturalizada no Brasil e no mundo.

«Pesquisa gorda: Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas» é um amplo e múltiplo campo de pesquisa que se opõe e critica os estudos que patologizam as pessoas gordas. As pesquisadoras e pesquisadores das corpos gordas denunciam a gordofobia como estigma estrutural institucionalizado: como uma epistemologia violenta, que afirma que todas as corpos gordas são doentes. Propõem, ainda, novas epistemologias: saberes e entendimentos sobre corporalidades gordas que apontam um fenômeno de injustiça social e abordam o problema sob esse prisma, em estudos que avaliam criticamente como a estigmatização das pessoas gordas se manifesta em inúmeras instituições sociais: na medicina, na saúde, na mídia, na educação, na academia, na arte, na política etc.

Recebemos mais de 200 inscrições entre estudantes e professores de diversas universidades tanto no Brasil, como México, Colômbia e Argentina. Mais de 70 resumos para comunicação e estamos em fase de organização dos anais dos trabalhos completos. Esse campo de pesquisa que transbordou o Grupo Pesquisa Gorda, propõe em suas produções uma Epistemologia Gorda construída por pessoas gordas. De maneira mais específica, e forma de exemplificar nossas construções de saberes, como proposta de construção epistemológica de áreas transdisciplinares dentro da Pesquisa Gorda, nos dedicamos algumas áreas e temas dentro do paradigma dos estudos do corpo gordo, engordurando nossas áreas de conhecimento, como por exemplo:

-Filosofia Gorda: proposta de (re)existir denunciando a violência da gordofobia em nossas corpos tem reverberação direta em uma nova maneira de reconstruir nossas vidas e descolonizar, despatriarcalizar

nossos corpos, saberes, desejos e modos de estar e se relacionar, socialmente e intimamente, com o mundo e conosco. (Jimenez-Jimenez, 2021). Uma vem construindo desde 2014 uma filosofia gorda que valorize a construção desses novos saberes gordes.

-Psicologia Gorda: proposta de revisão de temas da psicologia pela perspectiva crítica anti gordofobia. A saber, visão de corpo pela psicologia, conceito de auto-estima, conceito de saúde doença e atuação de psicólogos nos processos de autorização para bariátrica.

-Direito Gordo: proposta de reconhecimento da gordofobia enquanto um fenômeno social, cultural e jurídico, que marginaliza corpos gordes do acesso à direitos —muitas vezes direitos humanos—, tais como o direito à vida e à saúde. Corporalidades que apenas por existirem como tão, são marginalizadas do acesso à justiça e do judiciário, que, hoje, não possui instrumentos específicos para proteção jurídica de pessoas gordas. Busca-se, assim, a compressão de corporalidades gordes enquanto grupo minoritário e que deve gozar de proteção especial do ordenamento jurídico, para garantia de seus direitos enquanto sujeitos coletivos, históricos e com demandas próprias (Melo, 2021). Uma das coordenadoras vem propondo em suas pesquisas focada no sofrimento de pessoas gordas, e um direito voltado a discussão da gordofobia no âmbito jurídico.

-Comunicação e mídia gorda: Problematizar o cenário da mídia, perpassando por variados artefatos culturais midiáticos, como peças publicitárias, produtos jornalísticos, produções audiovisuais ficcionais e não ficcionais, redes sociais digitais, é importante para compreendermos a presença de estereótipos e como se dão as visibilidades e, principalmente, as invisibilidades das pessoas gordas no ambiente midiático e da comunicação. É nosso objetivo pensar em uma comunicação e mídia não gordofóbica e que insira as pessoas gordas pensando em sua diversidade como seres humanas. Dessa forma, é nosso intuito desconstruir representações estereotipadas. Outra coordenadora vem construindo desde seu doutorado a proposta de uma comunicação e mídia antigordofóbica. Todas essas e outras propostas estão em torno de rompimento de paradigmas, construções de saberes como eixo central as corporeidades gordas, em que suas escritas transpassem seus afectos e afectem a construção do conhecimento sobre suas histórias, vidas, pensamentos, sentimentos etc. O que queremos propor engordurando esses saberes é a denúncia de saberes violentos com nossas corpos, rompimento de paradigmas e construção de saberes focados em um entendimento não gordofóbico na construção dos saberes, que se transformam em práticas institucionais da gordofobia, como nas escolas, universidades, tribunais, consultórios, literatura, jornalismo etc.

### **Consideração Finais: Pesquisa Gorda como Estratégia de (Re)existência, Construção de Epistemologias Subalternas/Localizadas**

Sabemos que na maioria dos espaços em que se produz conhecimento, a presença masculina branca ocidentalizada é predominante, apesar de tantas lutas por reconhecimento dos saberes decoloniais, descolados de uma lógica objetivista e imparcial. Como se fosse possível num processo de pesquisa a utilização de «métodos neutros» ou «descorporificados», como bem salienta Haraway (2019). É uma ruptura com os discursos privilegiados, que aceitam a invisibilização dos corpos e o desaparecimento

das falas de experiência.

Radha D'Souza (2010) chama a atenção às pesquisas produzidas dentro das universidades e aponta que a avaliação deveria estar focada no poder transformador que elas carregam em si. A autora destaca a pesquisa ativista, que tem um enfoque na transformação social em seu tempo, transcendendo a universidade e dialogando com a sociedade em que está inserida:

O ativismo, pelo contrário, é transcender. Ele implica que se transcenda a divisão entre sujeito e objeto, transpondo as fronteiras que separam o eu enquanto conhecedor e o conhecimento do mundo. É um modo de estar em que o conhecedor se identifica com o conhecimento de uma maneira tão completa, em que a distinção entre conhecedor e conhecimento se esbate de tal modo, que aquele se torna capaz de dar um salto qualitativo para o desconhecido. Do pensamento à ação vai um salto qualitativo. O salto tem de ser, necessariamente, para o desconhecido, na medida em que não é possível prever antecipadamente e de uma forma definitiva o efeito das ações. (D'Souza, 2010, p. 162).

Após 20 anos que Foucault anunciava a sociedade disciplinar, Deleuze nos chamou a atenção para uma nova transformação — uma sociedade de controle, e os corpos, antes vigiados, punidos e disciplinados, agora são controlados por nós mesmos, ou seja, somos nossos próprios algozes. O corpo sempre estará no controle capitalístico de ser disciplinado, mas, principalmente, controlado, seguindo as regras estipuladas pelo sistema, e quando isso não acontece, somos punidos socialmente e, assim, rapidamente voltamos ao ciclo do controle. Contudo, quando nos damos conta desse controle e somos afectados muitas vezes por ele, é preciso modificar essa forma de estar no mundo, como explica o filósofo: «O que nós temos é a ideia do que acontece ao nosso corpo, a ideia das afecções do nosso corpo, e é apenas por tais ideias que conhecemos imediatamente nosso corpo e os demais, nosso espírito e os demais» (Deleuze, 2002, p. 73).

Posto isto, a descoberta de um novo pensar, como produto e encontros entre corpos afectados, pode libertar o pensamento para recriar essa concepção de dominação. Isto, é «[...] adquirir um conhecimento das potências do corpo para descobrir paralelamente as potências do espírito que escapam à consciência» (Deleuze, 2002, p. 128). Trata-se, então, de uma injustiça episteme no que se refere à construção do conhecimento sobre as corpos gordas, já que, durante séculos, nossas corpos foram percebidas, sistematizadas e controladas como “coisas monstruosas”, que não deveriam existir dentro da sociedade heteronormativa (Jimenez-Jimenez, 2020a, p. 206).

É uma questão de reconhecer que, da maneira que vivíamos/vivemos, já não era/é mais possível, ou seja, odiando-nos, seguindo as normas e tentando reconstruir um corpo que insistia/insiste em ser gordo e rebelde às regras estabelecidas. Poder nos encontrar com nossas e outras corpos gordas de uma forma diferente, por meio da desconstrução do que é um corpo belo, saudável e aceito na sociedade. Consolidamos, assim, uma nova maneira de ver e viver essas corpos, num constante embate político que se impõe toda vez que tentamos nos afirmar em sociedade.

Libertar-se de uma episteme colonialista e patriarcal heteronormativa que violenta modos de existir, é libertar-se da culpa de ser dissidente, criando um modo de entender nossas corpos como potência, na

(RE)existência.

## Referências bibliográficas

- Abramowicz, A. (2011). A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In D. Finco & A. L. G. de Faria, (Orgs.). *Sociologia da infância no Brasil* (pp. 17-35). Autores Associados.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Sueli Carneiro; Pólen.
- Butler, J. (2004). *Lenguaje, poder e identidad*. Síntesis.
- Collins, P. H. (2019). Pensamento feminista negro. O poder da autodefinição. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista brasileiro. Formação e contexto* (pp. 270-310). Bazar do Tempo.
- Corsaro, W. A. (2005). Entrada em campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, 26(91), 443-464.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia* (1ª ed.). Editora 34.
- D'Souza, R. (2010). As prisões do conhecimento. Pesquisa ativista e revolução na era da “globalização”. In B. de S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul* (pp. 145-171). Cortez.
- Fraser, N., & Jaeggi, R. (2020). *Capitalismo em debate. uma conversa na teoria crítica*. Boitempo.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Paz & Terra.
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. <https://cutt.ly/ylTr8gm>.
- hooks, B. (2007). *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade* (2ª ed.). WMF Martins Fontes.
- Jimenez-Jimenez, M. L. (Realizadora). (2020a). *Filosofia GORDA* [Youtube]. Grupelho. <https://www.grupelho.org/programa%C3%A7%C3%A3o>
- Jimenez-Jimenez, M. L. (2020b). *Lute como uma gorda. Gordofobia, resistências e ativismos* [Tese de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO]. Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. <http://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>
- Jimenez-Jimenez, M. L. (2021). Gordofobia. Injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Revista Epistemologias do Sul*, 4(1), 144-161. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643/2534>
- Jimenez-Jimenez, M. L., & Dos Santos, C. R. (2021). Gordofobia na escola. Lute como uma gordinha. In V. M. de Oliveira, A. L. de S. Figueira & L. M. Ferreira e Silva (Orgs.), *Corpo, corporeidade e diversidade na educação*, (pp. 201-217). Culturatrix. doi.editoracubo.com.br/10.4322/978-65-86889-06-2.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Lorde, A. (2019). Não existe hierarquia de opressão. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista brasileiro. Formação e contexto* (pp. 234-237). Bazar do Tempo.
- Melo, M. T. C. de C. (2021). Corporalidade gorda e direitos humanos: o corpo enquanto novo paradigma do sujeito de

direito. *Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero*. Realize.

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79312>

Moreira, A. (2019). J. *Racismo Recreativo*. Sueli Carneiro; Pólen.

Paim, M. B. (2019). Os Corpos Gordos precisam ser vividos. *Revista de Estudos Femininos*, 27(1).

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156453>

Pesquisa Gorda. (2022). I Congresso da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte.

<https://www.even3.com.br/congressopesquisagorda2022/>

Scott, J. (1989). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Columbia University Press.

Silva, F., P., Baltar, P., & Lourenço, B. (2018). Colonialidade do Saber, Dependência Epistêmica e os Limites do Conceito de Democracia na América Latina. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*. 12(1), 68-87.

<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15980/14269>